



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Márcia Isabel Pinho Meireles da Silva

**Relações entre o desamparo materno, a  
afetividade negativa e a representação de  
vinculação em crianças em idade pré-escolar**



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Márcia Isabel Pinho Meireles da Silva

**Relações entre o desamparo materno, a  
afetividade negativa e a representação de  
vinculação em crianças em idade pré-escolar**

Tese de Mestrado  
Mestrado em Psicologia Aplicada

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Isabel Soares**  
e da  
**Professora Doutora Joana Baptista**

outubro de 2016

## DECLARAÇÃO

Nome: Márcia Isabel Pinho Meireles da Silva

Endereço eletrónico: [pg28213@alunos.uminho.pt](mailto:pg28213@alunos.uminho.pt)

Número do Cartão de Cidadão: 14157742

Título da dissertação: Relações entre o desamparo materno, a afetividade negativa e a representação de vinculação em crianças em idade pré-escolar

Orientadoras: Professora Doutora Isabel Soares e Professora Doutora Joana Baptista

Universidade do Minho

Ano de conclusão: 2016

Designação do Mestrado: Mestrado em Psicologia Aplicada

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 17 de outubro de 2016

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Revisão da Literatura Teórica e Empírica .....	6
Introdução .....	6
Sistema Comportamental de Vinculação .....	6
Sistema Representacional de Vinculação .....	8
Sistema de Prestação de Cuidados.....	10
Vinculação e Cuidados: O Papel da Afetividade Negativa .....	12
Estudo Empírico .....	16
Método .....	16
Participantes .....	16
Procedimento.....	17
Instrumentos.....	18
Resultados .....	20
Discussão.....	23
Referências Bibliográficas.....	28

## **Agradecimentos**

Às professoras Isabel Soares e Joana Batista, pela orientação e acompanhamento nesta reta final do meu percurso académico.

Ao GEV, pelo apoio e por todos os momentos de aprendizagem que me proporcionou.

Aos meus pais e à minha irmã, porque sem eles nada disto seria possível. Por todos os valores e por todos os ensinamentos que, sem dúvida, me tornaram na pessoa que sou hoje!

À Rafaela, não só por ser a melhor amiga que alguém pode ter mas também, por ser quem nunca duvidou de mim, em momento algum. Obrigada pela amizade de anos e por seres o meu porto seguro em todos os momentos!

Ao Diogo, por ter sido o meu grande suporte emocional ao longo deste percurso e, principalmente por me fazer acreditar em mim quando, por vezes, eu não acreditei!

Às minhas amigas que sempre me acompanharam mesmo, por vezes, estando longe.

À Margarida, que é a prova de que boas amizades podem surgir quando menos esperámos. Obrigada por todas as horas de trabalho em conjunto e pelo apoio imprescindível nesta reta final!

À Ana Beiramar, por ter sido um grande apoio nos momentos importantes, pela partilha e pelo companheirismo.

À minha tia Carla, que antes de ser tia é, em primeiro lugar, uma grande amiga e confidente e a quem tenho que agradecer não só a ajuda, como também a partilha de experiência e conhecimento.

## Relações entre o desamparo materno, a afetividade negativa e a representação de vinculação em crianças em idade pré-escolar

### Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo compreender as relações entre o desamparo materno, a afetividade negativa e a representação de vinculação, em crianças em idade pré-escolar. Especificamente, o estudo propôs-se a (i) testar associações entre o desamparo materno, a afetividade negativa e a segurança da representação de vinculação; (ii) testar o desamparo materno como preditor da representação de vinculação; (iii) examinar o papel moderador da afetividade negativa na relação entre o desamparo materno e a representação de vinculação; e (iv) no caso de moderação, testar se é consistente com o modelo de suscetibilidade diferencial ou de duplo risco. Para avaliar o desamparo materno administrou-se o *Caregiving Helplessness Questionnaire*. A afetividade negativa foi avaliada através do *Children's Behavior Questionnaire* sendo que, a representação de vinculação foi acedida com base na *Attachment Story Completion Task*. Os resultados demonstram uma associação entre o desamparo materno e a representação de vinculação. Não foi observado um efeito de interação significativo entre a afetividade negativa e o desamparo materno. Os resultados revelaram ainda o papel de características da criança na predição da representação da vinculação, nomeadamente o quociente de desenvolvimento, a idade e o género.

*Palavras-Chave:* representação de vinculação; desamparo materno; afetividade negativa; pré-escolar

## Relations between maternal helplessness, negative affectivity and attachment representation among preschoolers

### **Abstract**

The purpose of the present study was to examine the relations between maternal helplessness, negative affectivity and attachment representation among preschoolers. Specifically, this study aimed (i) to test associations between maternal helplessness, negative affectivity and attachment representation; (ii) to test maternal helplessness as a predictor of attachment representation; (iii) to examine the moderating role of negative affectivity in the relationship between maternal helplessness and representation of attachment; (iv) in case of moderating effect, to examine the consistent with the differential susceptibility or with the diathesis-stress models. The Caregiving Helplessness Questionnaire to evaluate the maternal helplessness was administered. The negative affectivity was assessed using the Children's Behavior Questionnaire and the attachment representation using the Attachment Story Completion Task. The results demonstrated a significant association between the maternal helplessness and the attachment representation. No significant interaction effect was observed between the negative affectivity and the maternal helplessness. The results revealed child's individual characteristics, such as mental development, age and gender as predictors of attachment representation.

**Keywords:** representation of attachment; maternal helplessness; negative affectivity; preschoolers

## Revisão da Literatura Teórica e Empírica

### Introdução

A revisão que se segue tem como principal objetivo fornecer um suporte teórico e empírico à realização da presente investigação. Deste modo, serão integrados os tópicos teóricos fundamentais relativamente ao sistema de vinculação e ao sistema de prestação de cuidados, bem como abordar as principais linhas de investigação realizados neste âmbito.

### Sistema Comportamental de Vinculação

De acordo com a Teoria da Vinculação de Bowlby (Bowlby, 1988), todos os seres humanos são orientados por um sistema comportamental de vinculação constituído por uma série de comportamentos biológicos que contribuem para a sua sobrevivência e capacidade de adaptação ao meio. Neste contexto, o autor define comportamento de vinculação como todos os comportamentos que a criança pode iniciar para obter ou manter a proximidade desejada com a figura de vinculação (Bowlby, 1988). Contudo, nem todas as crianças apresentam a mesma organização comportamental, havendo diferenças individuais na forma como estas orientam os seus comportamentos em relação à figura de vinculação. Surgindo a necessidade de avaliar estas diferenças individuais, Ainsworth e colaboradores (1978) elaboraram um procedimento laboratorial de avaliação da vinculação que comprovou as diferenças individuais observáveis durante episódios de separação-reunião da criança com a mãe – *Situação Estranha*. A autora propôs, assim, um sistema de classificação que categorizou o sistema comportamental de vinculação em três padrões distintos, sendo eles: (A) inseguro-evitante; (B) seguro; e (C) inseguro-ambivalente (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). De um modo mais específico, na vinculação inseguro-evitante a criança não protesta no momento da separação e evita a mãe no momento da reunião, sendo observável uma maior preferência pela exploração do meio comparativamente à procura da figura de vinculação. Contrariamente, as crianças com um padrão de vinculação inseguro-ambivalente apresentam dificuldades em explorar o meio, adotando comportamentos de vinculação que oscilam entre a procura de proximidade ou resistência face à figura de vinculação. Por outro lado, a vinculação segura é caracterizada pela procura ativa de proximidade com a figura de vinculação, na qual o bebé procura manter o contacto, não havendo sinais de resistência nem evitamento da mesma nos episódios de reunião. Uma relação de vinculação segura caracteriza-se,

ainda, pela presença de uma figura de vinculação sensível que compreende os sinais da criança e procura responder pronta e adequadamente a esses mesmos sinais, constituindo-se como uma *base segura* que permite alcançar o equilíbrio entre os comportamentos de exploração do meio e a procura de segurança e conforto (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

De acordo com Ainsworth (1969), a sensibilidade materna constitui um aspeto particularmente relevante para o desenvolvimento de uma vinculação segura, encontrando-se associada aos modelos internos dinâmicos de segurança acerca do *self* e do outro. Partindo desta afirmação, a investigação tem encontrado uma associação entre a sensibilidade materna e a segurança da relação de vinculação da criança, sendo que a perceção e a interpretação corretas dos sinais do bebé por parte da figura materna e a resposta apropriada e adequada a esses sinais parece promover o desenvolvimento de uma relação de vinculação segura (Ainsworth, Blehar, Waters, & Walt, 1978; Belsky, Rovine, & Taylor, 1984; Swanson, 2011). Por outro lado, a presença de respostas marcadas por inconsistência e negligência por parte da mãe aos sinais da criança parece estar associada a uma relação de vinculação insegura (Swanson, 2011).

Mais tarde, Main e Solomon (1986) identificaram um quarto grupo, onde foram incluídas crianças que não se enquadravam nos três padrões de organização da vinculação – (D) Grupo Desorganizado. Assim, a desorganização da vinculação é caracterizada por um colapso ao nível das estratégias organizadas (de tipo seguro e inseguro), onde a figura de vinculação constitui, simultaneamente, um refúgio de segurança e uma fonte de ameaça para a criança, colocando-a, desta forma, numa situação paradoxal irresolúvel (Main & Solomon, 1986). Ao nível comportamental, a desorganização da vinculação poderá manifestar-se através de uma simultaneidade ou sequência de comportamentos contraditórios, estereotípias, movimentos despropositados, posturas anómalas, comportamentos bizarros, entre outros (Main & Solomon, 1990). De acordo com Main e Hesse (1990), a desorganização da vinculação na criança encontra-se associada a padrões de comportamento parental disfuncionais ou perturbados, nomeadamente, comportamentos assustados, assustadores ou dissociativos que causam sentimentos de medo e confusão à criança. Perante estes comportamentos, o sistema de vinculação da criança é ativado, levando-a, simultaneamente, a aproximar-se e a afastar-se da figura de vinculação, visto que esta assume dois papéis inconciliáveis (fonte de segurança e fonte de ameaça). Esta situação paradoxal dá origem a um colapso na estratégia da criança para obter conforto e segurança desencadeado, assim, um comportamento de vinculação

desorganizado (Main & Hesse, 1990). É de salientar que crianças com vinculação desorganizada são mais comuns em amostras de risco (e.g., maus tratos), embora também se encontrem presentes em cerca de 15% dos casos em amostras normativas (Lyons-Ruth & Jacobvitz, 2008).

### **Sistema Representacional de Vinculação**

Na passagem para o período pré-escolar, aos 3 anos de idade, o mundo interno da criança começa a complexificar-se, ocorrendo uma reorganização comportamental na qual os modelos internos começam, gradualmente, a operar a um nível mais simbólico (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Bowlby (1969/1982) designou como modelos internos dinâmicos de vinculação o conjunto de conhecimentos e expectativas que a criança vai construindo a partir das interações repetidas com as figuras de vinculação. Estes modelos encontram-se internamente organizados sob a forma de representações generalizadas que contêm informação sobre o modo como a figura de vinculação atua e responde aos seus pedidos de ajuda e proteção, sobre o *self* e sobre as relações. Desta forma, os modelos internos dinâmicos da criança permitem-lhe tomar decisões acerca dos seus comportamentos de vinculação face a uma figura particular, antecipar e fazer planos para o futuro.

Esta etapa de reorganização comportamental é essencialmente marcada pela sofisticação dos sistemas comportamentais corrigidos por objetivos (Soares, 2007), onde a criança se torna capaz de orientar o seu comportamento e o da figura de vinculação, no sentido de negociarem objetivos partilhados (Bowlby, 1969). Associado a uma crescente capacidade representacional, o período pré-escolar é marcado pela crescente complexidade dos processos cognitivos e pela aquisição da linguagem, sendo este último o grande marco desenvolvimental desta fase. Assim, aos 3 anos de idade, a criança é já capaz de fazer uso da própria linguagem para expressar momentos do quotidiano com a figura de vinculação, permitindo, desta forma, explorar o seu mundo interno através da representação (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990).

Os avanços nas áreas de estudo da psicologia cognitiva e da linguagem conduziram à criação de instrumentos de avaliação da qualidade e da organização dos modelos internos dinâmicos, nomeadamente o *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990), que permitiu à teoria da vinculação alargar o seu foco de estudos para o nível representacional (Waters, Rodrigues, & Ridgeway,

1998). Estudos realizados em Portugal, com recurso à ASCT, têm sugerido que crianças com modelos internos seguros experienciam relações mais calorosas com os seus cuidadores (Rebelo, Veríssimo, Maló-Machado, & Silva, 2013) e demonstram possuir um modelo interno do *self* mais positivo (Pinto, Gatinho, Silva, Veríssimo, & Santos, 2013).

Embora o género e o quociente de desenvolvimento da criança não sejam fatores que, ao longo dos anos, tenham recebido especial atenção por parte da Teoria da Vinculação, estudos recentes com recurso à ASCT têm demonstrado existir diferenças ao nível das narrativas em função do género e do quociente de desenvolvimento. Assim, raparigas parecem receber, em média, pontuações mais elevadas na dimensão da segurança (Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Antunes; Pierrehumbert et al., 2009) e crianças com um quociente de desenvolvimento mais elevado parecem apresentar uma vinculação mais segura (Stievenart et al., 2014; Matas, Arend, & Sroufe, 1978).

No que diz respeito aos padrões de vinculação, também estes sofrem alterações na transição para o pré-escolar. Ao nível da mudança dos comportamentos de vinculação segura, insegura-evitante e insegura-ambivalente, dá-se essencialmente um aumento da negociação verbal e do planeamento de objetivos partilhados entre a criança e a figura de vinculação. No entanto, observa-se uma concordância entre estes comportamentos de vinculação e os comportamentos exibidos durante os primeiros anos de vida, existindo uma estabilidade dos padrões de vinculação organizados, ao longo da infância. Por outro lado, parece que esta estabilidade não se verifica em crianças com vinculação desorganizada, sendo estas as que evidenciam mais mudanças nesta transição desenvolvimental (Main & Cassidy, 1988; O'Connor, Bureau, McCartney, & Lyons-Ruth, 2011).

No início do período pré-escolar, as crianças com vinculação desorganizada podem desenvolver um padrão de controlo comportamental em relação à figura de vinculação, que é essencialmente caracterizado por uma inversão de papéis entre o cuidador e a criança (Lyons-Ruth, Easterbrooks, & Cibelli, 1997; Moss, Bureau, St-Laurent, & Tarabulsky, 2011). A investigação no campo da desorganização tem demonstrado existirem diferenças individuais ao nível deste padrão de controlo, sendo estimados quatro subtipos de vinculação desorganizada: (1) controlo punitivo; (2) controlo cuidador; (3) controlo misto; e (4) comportamento desorganizado. De um modo geral, no caso do subtipo de controlo punitivo, as crianças adotam um comportamento agressivo em relação à figura de vinculação, incluindo ameaças verbais e agressões físicas. Por outro lado, as

crianças que adotam um subtipo de controlo cuidador apresentam um comportamento excessivamente protetor em relação à figura de vinculação. O subtipo misto diz respeito a uma estratégia que engloba comportamentos tanto do subtipo de controlo punitivo como do subtipo de controlo cuidador (George & Solomon, 2008). Porém, nem todas as crianças com vinculação desorganizada desenvolvem padrões de controlo em relação ao cuidador durante o período pré-escolar, sendo que cerca de 25% a 33% destas crianças continuam a apresentar um comportamento de vinculação desorganizado semelhante ao exibido durante os primeiros anos de vida, sendo este contemplado no subtipo comportamento desorganizado (Moss, Cyr, Bureau, Tarabulsy, & Dubois-Comtois, 2004).

### **Sistema de Prestação de Cuidados**

Bowlby (1969) descreveu o sistema de vinculação como sendo complementado por um sistema de prestação de cuidados que orienta as respostas do cuidador no sentido de proteger a criança, influenciando a sensibilidade parental e capacidade de resposta aos sinais de vinculação. Assim, o principal objetivo deste sistema é manter a criança perto do cuidador em condições de ameaça ou perigo, tendo como função adaptativa a segurança e proteção da criança. Este sistema encontra-se estritamente ligado a processos de representação cognitiva que a figura parental possui acerca da relação de vinculação, que irão influenciar a qualidade da prestação de cuidados e da interação com a criança – modelos internos dinâmicos (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Os modelos internos dinâmicos presentes no sistema de prestação de cuidados são representações mentais que resultam de um conjunto de experiências relacionais prévias que irão modelar a forma como a figura parental irá organizar e orientar o seu comportamento em relação à criança e, consequentemente, modelar as estratégias de cuidado (George & Solomon, 2011).

Surgindo a necessidade de alargar o foco do estudo da vinculação para uma perspetiva mais ecológica (George & Solomon, 1999), em inícios da década de 80, o lado parental começa a receber mais atenção por parte da investigação dando origem a uma nova fase de estudos no campo da vinculação caracterizada pela passagem do domínio comportamental para o domínio representacional (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Nesta linha, surge a *Adult Attachment Interview* (AAI; George, Kaplan e Main, 1984), uma entrevista biográfica que permitiu a identificação dos padrões de organização mental da vinculação em adultos e o estudo da hipótese da transmissão da qualidade da vinculação

ao longo das gerações. Mais tarde, ainda dentro da avaliação no campo da representação, surge o primeiro instrumento que tinha por objetivo aceder à desorganização da prestação de cuidados maternos – *Caregiving Interview* (George & Solomon, 1989). Porém, face ao seu procedimento laboratorial intensivo e moroso e também devido ao facto de captar outras dimensões do sistema de prestação de cuidados que não a desorganização, George e Solomon (2011) propuseram, recentemente, um novo instrumento de avaliação do desamparo materno – *Caregiving Helplessness Questionnaire* (CHQ).

Assim, através da análise da organização discursiva das mães e acedendo aos seus modelos internos de representação de vinculação, foi possível concluir que várias razões podem justificar a desorganização do sistema de prestação de cuidados, nomeadamente, a vivência de situações de trauma ou de não resolução de perdas (e.g. aborto ou morte de um bebé; abuso físico e/ou sexual) (Main & Hesse, 1990). Segundo Bowlby (1969), estas experiências vivenciadas pela figura parental são codificadas e armazenadas num modelo representacional que colocam em ação processos de exclusão defensiva, impossibilitando, assim, o seu acesso de forma consciente – sistemas segregados. Porém, em situações de ativação do sistema de vinculação, há uma maior probabilidade destas memórias e emoções segregadas surgirem, levando a figura parental a uma desregulação emocional e a sentimentos de medo, vulnerabilidade e perda de controlo (George, West, & Pettem, 1999). Face a estes sentimentos, a figura parental demonstra-se frequentemente incapaz de responder adequadamente ao comportamento de vinculação da criança, apresentando comportamentos manifestamente ameaçadores ou, por outro lado, comportamentos de medo face à ativação do sistema de vinculação que colocam a criança numa situação paradoxal (Main & Hesse, 1990). Desta forma, o desamparo materno pode manifestar-se de duas formas distintas: por desregulação ou por constrição. No primeiro caso, a mãe encara a criança como um adversário, sentindo-se impotente para conseguir lidar com o seu comportamento e, portanto, abdicando dos cuidados. Por outro lado, uma mãe constricta designa o seu filho como sendo perfeito e precoce abdicando da prestação de cuidados por considerar que estes não são necessários (George & Solomon, 2011). Importa referir que ambas as formas de representação estão associadas a uma estratégia de cuidados desorganizada, refletindo uma incapacidade de integrar as experiências a nível representacional, dando origem à abdicção de cuidados (Solomon & George, 1996). Assim, quando os prestadores de cuidados adotam comportamentos desadequados, também os comportamentos e as representações de vinculação da criança tendem a ficar afetadas. A investigação demonstra existir uma associação entre a não resolução de perdas

por parte da figura parental e a desorganização da prestação de cuidados (Schuengel, Bakermans-Kranenburg, & van Ijzendoorn, 1999), demonstrando também associações entre a desorganização da representação de vinculação dos pais (avaliada através da AAI) e a desorganização da vinculação da criança (Madigan, Bakermans-Kranenburg, van Ijzendoorn, Moran, Pederson, & Benoit, 2006). Estudos realizados com crianças sujeitas a experiências de maus-tratos ou de negligência demonstraram, ainda, que estas apresentam uma maior probabilidade de desenvolver padrões de vinculação inseguros (Crittenden, 1985, 1988) e desorganizados (Carlson et al., 1989), e que tendem a construir modelos distorcidos do *self* (Carlson et al., 1989; van Ijzendoorn et al., 1999). No que diz respeito aos efeitos destas experiências nas representações da vinculação, em crianças em idade pré-escolar, embora os estudos sejam escassos, sugere-se uma associação entre os maus-tratos e a negligência e representações de vinculação inseguras (Benavente, Justo, & Veríssimo, 2009).

### **Vinculação e Cuidados: O Papel da Afetividade Negativa**

Aprofundando o estudo acerca da qualidade da relação de vinculação, a literatura tem vindo a demonstrar que, para além das características parentais, existem variáveis da criança que também influenciam a qualidade desta relação diádica. Assim, uma das características que tem vindo a ser mais descrita pela literatura diz respeito ao temperamento que, apesar da inconsistência existente entre os diversos estudos, parece assumir um papel relevante na qualidade da vinculação (Pluess & Belsky, 2013).

Embora sejam várias as teorias que se debruçam sobre o temperamento, parece ser unânime que o temperamento constitui-se como a organização básica da personalidade, que é observada desde a infância e, através da qual, se vai tornando mais sofisticada ao longo do desenvolvimento do indivíduo (Rothbart & Bates, 2006; Rothbart, Ahadi, & Evan, 2000). Segundo Rothbart e Bates (2006), o temperamento encontra-se estritamente ligado a processos básicos de reatividade e autorregulação, constituindo-se como o núcleo afetivo, ativo e atencional da personalidade. Assim, de acordo com a abordagem psicobiológica, o temperamento é definido como as diferenças individuais que cada indivíduo tem em termos de reatividade e autorregulação. Três conceitos-chave são destacados na abordagem psicobiológica do temperamento de Rothbart (2007), sendo eles o constitucional, a reatividade e a autorregulação. O constitucional diz respeito a tudo pelo qual o indivíduo é composto enquanto ser biológico, sem fatores de hereditariedade,

maturação ou experiência. A reatividade inclui a excitação e a responsividade, sendo que a autorregulação é o que modela a reatividade (Rothbart, 2007).

Devido à incapacidade de medir diretamente o temperamento têm surgido alguns instrumentos que procuram avaliar os diferentes construtos que o constituem. Em sequência deste crescimento, surge o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ) (Putman & Rothbart, 2006). As escalas do CBQ encontram-se organizadas em torno de 3 dimensões, sendo elas, Afetividade Negativa, Extroversão e Controlo por Esforço. Mais especificamente, a Afetividade Negativa é composta por facetas como a ansiedade, depressão, impulsividade, vulnerabilidade e emocionalidade negativa. Por sua vez, a Extroversão inclui a assertividade, atividade e emoções positivas, sendo que o Controlo por Esforço é constituído pela ordem, autodisciplina e deliberação.

No que concerne à vasta gama de investigações realizadas sobre a relação entre o temperamento e a vinculação, os resultados apontam desde pequenas relações entre as características temperamentais e os padrões de vinculação até à inexistência de associações (e.g. NICHD Early Child Care Research Network, 1997). Assim, os estudos concluem que a segurança da vinculação não resulta exclusivamente das diferenças temperamentais da criança, mas que estas assumem um papel na qualidade da vinculação. Diversos estudos encontram associações entre os padrões de vinculação e o temperamento do bebé, nomeadamente, associações entre o grupo inseguro-evitante (A) e os subgrupos seguros (B1 e B2) e a perceção de um temperamento fácil do bebé por parte das mães. Por outro lado, os outros subgrupos seguros (B3 e B4) e o grupo inseguro-ambivalente (C) incluem, de forma geral, bebés que são percecionados pelas mães como apresentando um temperamento mais difícil (Sroufe, 2005; Belsky & Rovine, 1987). Porém, nem todos os estudos comprovam estas evidências, existindo uma inconsistência no que diz respeito ao papel do temperamento na qualidade da relação de vinculação (Van den Boom, 1994).

Uma das linhas de investigação ainda dentro da temática do temperamento incide no efeito da interação entre o temperamento e a qualidade dos cuidados, na explicação da qualidade da relação de vinculação. Inicialmente, os resultados destes estudos pareciam ser melhor explicados pelo Modelo de Duplo Risco (*Dual-Risk*), que defende que crianças com determinadas características de risco são mais vulneráveis à adversidade do ambiente (Pluess & Belsky, 2013). Esta ideia remete-nos para a existência de dois fatores de risco: o fator de vulnerabilidade e o ambiente adverso. Este modelo presume que alguns indivíduos são mais afetados pelos efeitos adversos das experiências negativas do que

outros, devido a uma vulnerabilidade associada a determinadas características individuais (e.g. afetividade negativa, genes de risco). Porém, esta vulnerabilidade não se manifesta a menos que o indivíduo esteja exposto a condições de risco, pressupondo que não existem diferenças entre indivíduos vulneráveis e resilientes quando há ausência de adversidades (Pluess & Belsky, 2013). Assim, por um lado, foi sugerido que crianças com temperamento mais difícil podem afetar o ambiente de cuidados, dando-se uma diminuição da sensibilidade materna ou aumentando o efeito negativo de uma já existente baixa qualidade de cuidados (Vough & Bost, 1999).

Evidências de que crianças com elevada afetividade negativa são mais vulneráveis à experiência de pouca qualidade de cuidados encontram-se presentes em alguns estudos, nomeadamente, no de Morrell e Murray (2003) que demonstrou que apenas os bebês de quatro meses com elevada afetividade negativa e que tinham uma mãe coerciva e rejeitante é que continuavam desregulados a nível emocional e comportamental, cinco meses mais tarde. Num outro estudo, Belsky, Hsieh e Crnic (1998) concluíram que as crianças que apresentavam alta afetividade negativa aos 12 meses e que não tinham um bom suporte parental aos 2 e 3 anos de vida, apresentavam maiores problemas de externalização. Posto isto, podemos concluir que a literatura tem revelado alguma inconsistência no que diz respeito ao modelo de desenvolvimento que melhor parece explicar a interação entre a afetividade negativa da criança e a qualidade de cuidados prestados pela mãe.

Por outro lado, a recente investigação tem demonstrado que crianças com elevada afetividade negativa podem apresentar uma certa suscetibilidade diferencial face à qualidade de cuidados, podendo, desta forma, beneficiar face a um melhor ou pior ambiente de cuidados (*“for better and for worse”*) (Pluess & Belsky, 2013). Esta asserção surge associada ao Modelo de Suscetibilidade Diferencial que foca-se na sensibilidade biológica face ao ambiente e defende que os indivíduos são suscetíveis de ser influenciados por ambos os tipos de contextos, sejam estes de qualidade ou adversos, existindo um efeito de plasticidade associado a determinadas características individuais da criança (e.g. afetividade negativa, genes plásticos) (Pluess & Belsky, 2013).

Evidências empíricas sobre este modelo podem ser encontradas nos trabalhos de Belsky, onde este observou que crianças com elevada afetividade negativa pareciam beneficiar desproporcionalmente do ambiente de cuidados (Belsky, Bakermans-Kranenburg, & van Ijzendoorn, 2007; Ellis, Boyce, Belsky, Bakermans-Kranenburg, & van Ijzendoorn, 2011). Também Feldman, Greenbaum e Yirmiya (1999) atribuíram ao

temperamento um papel moderador na relação entre a sincronia materna e o autocontrole da criança, concluindo que crianças com elevada afetividade negativa, com mães que apresentaram mais sincronia materna, demonstraram maiores níveis de autocontrole comparativamente às crianças com baixa afetividade negativa e que experienciaram pouca sincronia na relação com a mãe. Ainda num outro estudo, Klein Velderman, Bakermans-Kranenburg, Juffer, e van Ijzendoorn (2006) concluíram que, através de mudanças induzidas experimentalmente ao nível da sensibilidade das mães, os bebés com elevada afetividade negativa beneficiavam mais a nível da segurança da vinculação comparativamente às outras crianças.

Em modo de conclusão, e partindo de um modelo ecológico, podemos entender a relação de vinculação como sendo resultado de um conjunto de interações entre as características da criança e da figura de vinculação, da qualidade de cuidados prestados e do ambiente em que a díade se insere (Belsky, 2005). Ao longo dos anos, a investigação tem enfatizado de forma significativa o estudo do sistema de vinculação, sendo vasto e inquestionavelmente valioso o conhecimento que se foi adquirindo. Existe, no entanto, pouca investigação no que diz respeito ao sistema de prestação de cuidados, aspeto fundamental para uma profunda compreensão acerca da relação de vinculação (George & Solomon, 1996; Solomon & George, 1996). Também no que diz respeito ao estudo do temperamento, apesar da investigação existente, poucos são os estudos realizados em idade pré-escolar, levando a uma lacuna no que diz respeito à compreensão do modo como esta variável interage com os cuidados maternos, ao nível representacional.

Assim, a presente investigação teve como principal objetivo contribuir para compreensão da relação entre o desamparo materno, a afetividade negativa e a representação de vinculação, em crianças em idade pré-escolar. Especificamente, teve como objetivos: (i) testar associações entre o desamparo materno, a afetividade negativa e a segurança da representação de vinculação; (ii) testar o desamparo materno como um preditor da segurança da representação de vinculação; (iii) examinar o papel moderador da afetividade negativa na relação entre o desamparo materno e a representação de vinculação; e (iv) no caso de haver uma interação entre a afetividade negativa e o desamparo materno, averiguar qual o modelo explicativo mais consistente: o modelo de suscetibilidade diferencial ou o modelo de duplo risco.

Atendendo aos objetivos propostos, levantam-se as seguintes hipóteses: (H1) espera-se que as crianças com mães desamparadas sejam aquelas que apresentam uma vinculação mais insegura e, conseqüentemente, que sejam aquelas que relatam um maior desamparo

por parte da mãe; (H2) espera-se que a afetividade negativa seja um moderador significativo na relação entre o desamparo materno e a desorganização da vinculação; (H3) no caso da hipótese anterior de confirmar, espera-se que essa interação entre o temperamento da criança e o desamparo materno seja melhor explicada pelo modelo de suscetibilidade diferencial do que pelo modelo de vulnerabilidade.

## Estudo Empírico

### Método

#### Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por 110 crianças, em idade pré-escolar, e pelas suas respetivas mães. As crianças apresentavam uma média de idades de 4.45 anos ( $DP = .72$ , min-máx = 3-6) e 52.7% eram do sexo feminino ( $n = 58$ ).

Relativamente às mães, a idade variou entre os 21 e os 48 anos ( $M = 33.20$ ,  $DP = 5.55$ ) sendo que, a maioria era casada (52.7%;  $n = 58$ ), possuía o ensino básico de escolaridade (57.1%;  $n = 57$ ) e encontrava-se empregada no momento da recolha (70.9%;  $n = 78$ ). No que diz respeito à composição do agregado familiar, a maioria das mães tinha dois filhos (45.5%;  $n = 50$ ) (Tabela 1).

Tabela 1

*Dados Sociodemográficos.*

	<i>N (%)</i>	<i>M (DP)</i>	Amplitude
<b>Crianças</b>			
Idade		4.45 (.72)	3 - 6
<b>Género</b>			
Feminino	58 (52.7%)		
Masculino	52 (47%)		
<b>Mães</b>			
Idade		33.20 (5.55)	21 - 48
<b>Escolaridade</b>			
Até 9 anos	57 (51.7%)		
Ensino secundário	33 (30%)		
Ensino superior	65 (23.6%)		

---

Estado Civil	
Casada	58 (52.7%)
União de Facto	29 (26.4%)
Solteira	12 (10.9%)
Divorciada	11 (10%)
Estatuto Profissional	
Empregada	78 (70.9%)
Desempregada	30 (27.3%)
Estudante	2 (1.8%)
Número de Filhos	
Um	42 (38.2%)
Dois	50 (45.5%)
Três	12 (10.9%)
Quatro	5 (4.5%)
Cinco	1 (0.9%)

---

### **Procedimento**

Para a realização do presente estudo foi solicitado, numa fase inicial, a aprovação prévia à Comissão Nacional de Proteção de Dados, sendo que anonimato e a confidencialidade das informações fornecidas foram sempre assegurados. O recrutamento e seleção dos participantes foram realizados em instituições de ensino pré-escolar (públicas e privadas), nos distritos de Braga e Porto. Como critérios de inclusão todas as crianças deveriam apresentar uma idade compreendida entre os 3 e 5 anos (ou 6 anos, se ainda não estivessem a frequentar o ensino básico), frequentar o Jardim de Infância e deveriam estar a habitar com as suas mães. Como critérios de exclusão foi estabelecido que seriam excluídas crianças com história de institucionalização, com crescimento físico inferior ao 5º percentil e crianças portadoras de síndromes genéticas ou de condições físicas graves (e.g. défices visuais ou auditivos). Num primeiro contacto, as mães foram informadas acerca de todo o processo da investigação e foi-lhes solicitado o preenchimento do consentimento informado para a participação da criança e para a sua própria participação no estudo. Assim, todas as crianças e respetivas mães integraram a investigação de modo voluntário. O protocolo de recolha de dados teve lugar em casa da dade ou no jardim-de-infância, conforme a disponibilidade ou preferência das famílias.

## **Instrumentos**

*Representação de vinculação.* A representação de vinculação foi acedida através do *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; versão portuguesa de Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Fernandes, 2009) que consiste numa entrevista aplicável a crianças em idade pré-escolar (3 aos 6 anos). O objetivo do instrumento é aceder aos modelos internos dinâmicos da criança, através da análise das suas narrativas construídas com base em cenários do quotidiano familiar. O instrumento é constituído por material específico, nomeadamente, uma família de bonecos moldáveis e adereços (e.g., mesa, cadeiras).

No que diz respeito à sua administração, a ASCT foi administrada com o entrevistador e a criança face a face. Inicialmente apresentou-se cada um dos elementos da família à criança, pedindo-lhe que desse um nome a cada um deles. No início de cada entrevista foi administrada uma instrução neutra (Bolo de Aniversário), sem ser cotada, a fim de assegurar que a criança percebia o procedimento. Posteriormente, foram apresentadas e encenadas pelo entrevistador 5 inícios de histórias sendo pedido à criança que os completa-se mostrando as interações entre as personagens: “*Conta-me e mostra-me o que acontece agora*”. Cada uma das histórias apresentadas remeteu para uma problemática da vinculação, sendo elas: figura de vinculação num papel de autoridade face a um acidente da criança (Sumo Entornado); resposta parental à dor (Joelho Magoado); medo (Monstro no Quarto); ansiedade de separação e a capacidade de *coping* com um cuidador substituto (Partida); e, por último, o impacto afetivo face ao regresso dos pais (Reencontro). Quanto aos parâmetros de cotação, cada história é cotada em termos da Resolução da História (resolução mínima, resolução completa, sem resolução e resolução c/ reviravolta), da Coerência (extremamente incoerente, muitíssimo incoerente, muito incoerente, incoerente, algo incoerente, algo coerente, coerente e muito coerente) e Segurança (desorganizado, severamente inseguro, muito inseguro, inseguro, pouco seguro, algo seguro, seguro e muito seguro). No que diz respeito à cotação, 20,9% dos vídeos da ASCT foram cotados por dois cotadores, tendo o coeficiente de correlação intra-classes variado entre .87 (Monstro no Quarto) e .96 (Sumo Entornado).

*Desamparo materno.* Para aceder ao desamparo materno, as mães responderem ao *Caregiving Helplessness Questionnaire* (CHQ; George & Solomon, 2011; versão portuguesa de Toscano, 2015), uma medida de autorrelato que avalia o nível de desorganização na prestação de cuidados das mães, a partir do modo como estas se sentem

quando estão junto do/a seu/sua filho/a. O questionário é constituído por 26 itens (e.g. item 1, “Sinto-me muitas vezes fora de controlo quando estou com o meu filho”), nos quais as respostas são apresentadas numa escala de *likert* que varia de 1 (nada característico) a 5 (muito característico). Tal como na escala original, o estudo de validação para a população portuguesa (Toscano, 2015), obteve três escalas: Desamparo Materno ( $\alpha = .74$ ), Mãe-Criança Amedrontadas ( $\alpha = .56$ ) e Criança Prestadora de Cuidados ( $\alpha = .66$ ). No presente estudo apenas serão utilizadas as primeiras duas escalas do CHQ, na medida em que os seus itens são específicos da relação entre a mãe e a criança, o mesmo não acontecendo com a terceira escala. Deste modo, visto que as duas escalas se encontram altamente associadas foi criado um compósito de desamparo materno ( $r = .512, p < .001$ ), que consistiu na média das escalas Desamparo Materno e Mãe-Criança Amedrontadas, em que valores mais elevados são indicadores de maior desamparo por parte da mãe.

*Afetividade negativa.* A afetividade negativa da criança foi acedida através do *Children's Behaviour Questionnaire – Versão “Short Form”* (CBQ; Rothbart, Ahadi, Hershey, & Fisher, 2001; versão portuguesa de Lopes, 2011). O questionário avalia o temperamento em crianças dos 3 aos 7 anos, incluindo 94 itens nos quais é pedido à mãe que escolha a pontuação que melhor descreve a criança (1 – *muito falsa* a 7 – *muito verdadeira*). Os itens do questionário encontram-se distribuídos por 14 escalas: Nível de Atividade, Irritação/Frustração, Foco Atencional, Desconforto, Medo, Elevada Intensidade de Prazer, Impulsividade, Controlo Inibido, Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva, Aproximação/Entusiasmo, Tristeza, Sorrisos/Gargalhadas e, por fim, a escala Sensibilidade/Limiar de Resposta. Por sua vez, as escalas encontram-se organizadas em torno de três dimensões do temperamento da criança: Extroversão, Afetividade Negativa e Controlo por Esforço, sendo que a consistência interna (alfa de *Cronbach*) para cada uma das dimensões foi .82, .80 e .66, respetivamente. O seu preenchimento demora cerca de 30 minutos.

*Desenvolvimento mental da criança.* Com o intuito de avaliar o nível de desenvolvimento mental da criança e controlar os seus possíveis efeitos na qualidade de elaboração das narrativas de vinculação foi administrada a Escala de Desenvolvimento Mental de Griffiths (Griffiths, 2006; versão portuguesa de Borges et al., 2012). A escala poderá ser aplicada entre os dois e os oito anos de idade, sendo constituída por seis subescalas: Motora, Autonomia Pessoal, Linguagem, Coordenação Óculo-Manual,

Realização e Raciocínio Prático. No que diz respeito à cotação dos itens, estes são cotados em função do desempenho da criança (sucesso ou insucesso), sendo realizado um somatório dos itens bem-sucedidos de cada subescala dando assim, origem a um quociente padronizado de desenvolvimento, de acordo com a amostra normativa da faixa etária em que a criança se encontra.

*Dados sociodemográficos.* Para efeitos do presente estudo foi elaborado um questionário sociodemográfico preenchido pela mãe e, a partir do qual foram recolhidas informações diversas da criança, da mãe e da família, tais como a idade da criança, escolaridade da mãe e composição do agregado familiar.

## **Resultados**

### *Análises Preliminares*

#### *Estatísticas Descritivas.*

A tabela seguinte apresentada (Tabela 2) demonstra os resultados relativos à análise descritiva das variáveis em estudo.

Relativamente à representação de vinculação, a representação das crianças ao nível da segurança variou entre 2.28 e 6.90, numa escala de 1 a 9, obtendo uma média de 4.88 ( $DP = .87$ ), sendo que a maioria (50.9%) das crianças foram classificadas como inseguras ( $n = 56$ ).

Tabela 2

*Estatística descritiva das variáveis em estudo.*

Variáveis	<i>M</i> ( <i>DP</i> )	Amplitude
Representação de Vinculação		
Segurança	4.88 (.87)	2.28 – 6.90
Desamparo Materno	19.47 (5.89)	13.00 – 43.00
Afetividade Negativa	4.24 (.74)	2.29 – 6.22
Quociente Desenvolvimento	105.80 (11.46)	64.67 – 128.66

No que concerne ao compósito de desamparo materno é possível observar que existiu uma grande variabilidade na amostra, apresentando uma média de 19.47 ( $DP = 5.89$ ), a afetividade negativa apresentou uma média de 4.24 ( $DP = .74$ ) e, por seu turno, o quociente de desenvolvimento da criança apresentou uma média de 105.80 ( $DP = 11.46$ ).

### *Associações entre as variáveis em estudo.*

Como é possível observar na Tabela 3, foi encontrada uma associação positiva significativa entre a representação de vinculação e a idade das crianças,  $r = .270, p = .004$ , sendo que crianças mais velhas apresentaram maior segurança da representação de vinculação. No que diz respeito ao gênero da criança, os resultados demonstraram uma associação negativa significativa entre o gênero e a segurança da representação de vinculação,  $r_{pb} = -.272, p = .004$ , sendo as crianças do gênero feminino foram aquelas que apresentaram mais segurança da representação de vinculação. Por sua vez, também foi possível encontrar uma associação positiva significativa entre o quociente de desenvolvimento e a representação de vinculação,  $r = .267, p = .005$ , sendo as crianças com melhor quociente de desenvolvimento aquelas que igualmente demonstraram uma maior segurança ao nível da sua representação de vinculação.

Ao nível do desamparo materno foi encontrada uma associação negativa significativa com a segurança da representação de vinculação,  $r = -.246, p = .010$ , estando menos desamparo materno relatado pelas mães associado a uma maior segurança da representação de vinculação da criança. Por outro lado, não foram encontradas associações entre a afetividade negativa e a representação de vinculação,  $r = -.054, p = .572$ .

Tabela 3

### *Associações entre as variáveis do estudo.*

	1	2	3	4	5	6
1. Idade	-					
2. Gênero <sup>1</sup>	.07	-				
3. QD <sup>2</sup>	-.28**	-.17	-			
4. Afetividade Negativa	-.03	-.03	-.12	-		
5. Desamparo Materno	-.02	.19*	-.18	.39**	-	
6. Segurança Representação Vinculação	.27**	-.27**	.26**	-.05	-.24**	-

Nota: Para a variável gênero foram realizadas correlações de ponto bisserial; todas as outras análises foram efetuadas com base na correlação de *Pearson*.

<sup>1</sup> 0 = Sexo Feminino, 1 = Sexo Masculino; <sup>2</sup> Quociente Desenvolvimento.

\*\* $p < .01$ ; \* $p < .05$

Os resultados demonstraram, ainda, uma associação positiva significativa entre o desamparo materno e a afetividade negativa,  $r = .395, p < .001$ , sendo que mais desamparo materno relatado pelas próprias mães encontrou-se associado a maiores níveis de afetividade negativa nas crianças.

Também no que concerne às diferenças de gênero, foram encontradas diferenças significativas ao nível do desamparo materno, sendo que mães de crianças do sexo masculino foram aquelas que relataram um maior desamparo materno ( $r_{pb} = .190, p = .046$ ).

### ***Preditores da representação da segurança de vinculação***

No que diz respeito ao Modelo de Regressão Linear, no Bloco 1 foram incluídas as variáveis de controlo do estudo, nomeadamente a idade e o gênero da criança e o seu quociente de desenvolvimento. Este modelo revelou ser significativo, tendo explicado 24% da variância ( $F = 12.22, p < .001$ ).

Por sua vez, no Bloco 2 foram introduzidas as variáveis afetividade negativa e desamparo materno, sendo que também este modelo foi significativo, tendo explicado 24% da variância, ( $F = 8.00, p < .001$ ).

Por fim, o Bloco 3 incluiu a variável de interação entre a afetividade negativa e o desamparo materno, tendo o modelo sido significativo, explicando 24% da variância, ( $F = 6.60, p < .001$ ). Assim, de acordo com o modelo final, a idade da criança demonstrou ser novamente um preditor significativo da segurança da representação de vinculação ( $\beta = .37, t = 4.22, p < .001$ ), assim como o gênero ( $\beta = -.21, t = -2.42, p = .017$ ) e o quociente de desenvolvimento ( $\beta = .31, t = 3.45, p = .001$ ). Relativamente às variáveis afetividade negativa ( $\beta = -.05, t = -.57, p = .568$ ) e desamparo materno ( $\beta = .16, t = 1.69, p = .094$ ), estas não demonstraram ter um papel preditor na segurança da representação de vinculação. Quanto à variável de interação entre a afetividade negativa e o desamparo materno, esta também não se apresentou como um preditor significativo da segurança da representação de vinculação ( $\beta = .00, t = .02, p = .979$ ). Desta forma, não foi possível testar qual o modelo de desenvolvimento que melhor explicaria os resultados (modelo de suscetibilidade diferencial ou modelo de duplo risco).

Tabela 4

*Preditores da Segurança da Representação de Vinculação.*

<b>Segurança da Representação de Vinculação</b>					
	$R^2$ ( $\Delta R^2$ )	$F$	$\beta$	$t$	$p$
<b>Bloco 1</b>	.25(.24)	12.22			.000***
Idade			.38	4.36	.000***
Género			-.24	-2.83	.006**
QD <sup>1</sup>			.33	3.75	.000***
<b>Bloco 2</b>	.27(.24)	8.00			.000***
Idade			.37	4.26	.000***
Género			-.21	-2.43	.017*
QD <sup>1</sup>			.31	3.47	.001**
Afetividade Negativa			-.05	-.57	.566
Desamparo Materno			.16	1.73	.086
<b>Bloco 3</b>	.27(.24)	6.60			.000***
Idade			.37	4.22	.000***
Género			-.21	-2.42	.017*
QD <sup>1</sup>			.31	3.45	.001**
Afetividade Negativa			-.05	-.57	.568
Desamparo Materno			.16	1.69	.094
Desamparo Materno X Afetividade Negativa			.00	.02	.979

Nota: \*\*\* $p < .001$ ; \*\* $p < .01$ ; \* $p < .05$ <sup>1</sup> *Quociente Desenvolvimento*

### Discussão

Os resultados do presente estudo comprovaram a primeira hipótese proposta pelo estudo, em que as crianças com uma vinculação insegura foram aquelas cujas mães apresentaram maiores níveis de desamparo. Este resultado vai de encontro ao que a literatura tem demonstrado, onde a desorganização da prestação de cuidados, avaliada através da AAI, encontra-se associada à insegurança e à desorganização da representação de vinculação da criança (Madigan, Bakermans-Kranenburg, van Ijzendoorn, Moran, Pederson, & Benoit, 2006; Crittenden, 1985, 1988<sup>a</sup>; Carlson, et al., 1989).

No que diz respeito à afetividade negativa foi encontrada uma associação com o desamparo materno, o que sugere que as mães que relatam mais desamparo são aquelas cujos filhos apresentam mais afetividade negativa. Este resultado é consistente com a literatura encontrada que sugere que crianças com um temperamento mais difícil podem afetar o ambiente de cuidados, dando-se uma diminuição ao nível da sensibilidade materna (Vough & Bost, 1999). No entanto, ao contrário da hipótese inicial, a afetividade negativa não demonstrou ter um efeito de interação significativo entre o desamparo materno e a segurança da vinculação, o que leva a concluir que esta não se apresentou como um moderador na relação entre as duas variáveis. Este resultado poderá ser explicado pela pouca variabilidade da amostra no que diz respeito aos tipos de representação de vinculação, nomeadamente, à ausência de crianças com representação de vinculação desorganizada. Note-se que, desta forma, não foi possível testar qual o modelo de desenvolvimento que melhor explicaria os resultados (modelo de suscetibilidade diferencial ou modelo de duplo risco).

Posto isto, os resultados da presente investigação demonstraram que a idade, o desenvolvimento mental e o género da criança parecem assumir um papel importante na segurança da representação de vinculação, em idade pré-escolar. Apesar destes resultados serem inconsistentes com alguns estudos realizados anteriormente, com recurso à ASCT (Maia, Ferreira, Veríssimo, Santos, & Shin, 2008; Rebelo, Veríssimo, Maló-Machado, & Silva, 2013), alguns autores têm apontado a importância de estudar estas variáveis, no sentido de compreender de que forma é que estas podem influenciar a representação de vinculação (Maia, Veríssimo, Ferreira, Monteiro, & Antunes, 2011).

Embora dada a inconsistência entre os resultados dos estudos que se debruçam sobre o papel do quociente de desenvolvimento na segurança da vinculação, parecem existir algumas evidências de que crianças com um quociente de desenvolvimento mais elevado apresentam uma vinculação mais segura (Stievenart et al., 2014; Matas, Arend, & Sroufe, 1978). A literatura sugere que tal relação poderá ser entendida à luz da relação de vinculação segura como um contexto mais estimulante para a criança que, conseqüentemente, irá refletir-se num desenvolvimento mais favorável (Main, 1983). Tal como a própria teoria da vinculação protagoniza, uma criança com vinculação segura explora o meio com base na confiança que lhe é transmitida pela figura de vinculação (Ainsworth et al., 1978). Assim, este maior envolvimento na exploração de um meio que é estimulante para a criança poderá contribuir para um desenvolvimento mental mais benéfico. Por outro lado, outros estudos referem que as metodologias narrativas poderão

ser mais sensíveis de captar diferenças individuais ao nível do desenvolvimento mental da criança, mais especificamente ao nível do desenvolvimento verbal e, assim, influenciar os resultados obtidos (Maia et al., 2011; Stievenart et al., 2014). Apesar de não ser esperado que as diferenças ao nível das características discursivas influenciem a segurança da representação de vinculação, estas parecem assumir um papel relevante no modo como a criança vai compreender a instrução dada pelo investigador e no modo como esta irá criar e construir a história – competência narrativa (Maia et al., 2011).

No que concerne às diferenças de género, os resultados demonstram que ser menina encontra-se associado a uma maior segurança. Apesar de que, do ponto de vista da teoria da vinculação, não seriam espectáveis diferenças de género ao nível das competências e dos perfis narrativos, alguns estudos têm encontrado esta mesma associação (Pierrehumbert et al., 2009; Wong, et al., 2011). Com a mudança de direção para o estudo da representação de vinculação na infância, a variável do género tem vindo a tornar-se cada vez mais relevante surgindo, deste modo, várias hipóteses explicativas que têm procurado compreender estas possíveis singularidade de género ao nível dos perfis narrativos de vinculação. A primeira hipótese explicativa, e aquela que tem vindo a ser mais disseminada na literatura, diz respeito às divergências de género no que diz respeito à competência verbal. Butler e Shalit-Naggar (2008), num estudo realizado com o intuito de examinar estas diferenças de género, encontrou a mesma associação entre o género feminino e a segurança da representação de vinculação. Com base na literatura existente, os autores propõe que tais diferenças ao nível da coerência e da riqueza na construção das histórias se deve ao facto das raparigas acederem, numa fase mais precoce do desenvolvimento, a conteúdos de cariz emocional e relacional. A segunda hipótese explicativa encontra-se relacionada com as estratégias de regulação emocional. De acordo com Maia e colaboradores (2011), as divergências entre género ao nível das estratégias de regulação emocional adotadas deverão ser alvo de reflexão. Deste modo, a ASCT parece ser encarada como uma situação indutora de ansiedade, visto que a criança é colocada face a uma temática da vinculação complexa e pautada por uma grande emocionalidade, sendo-lhe exigido que solucione o problema apresentado em cada uma das histórias (Oppenheim, 1997). Face a esta exigência emocional, alguns autores sugerem que existem diferenças no que diz respeito às estratégias utilizadas pelos géneros feminino e masculino (Taylor et al., 2000; Taylor et al., 2002). Assim, parece que, por um lado, o sexo feminino adota estratégias comportamentais mais diretamente relacionadas à procura e/ou prestação de cuidados e que, por outro lado, o sexo masculino,

adota preferencialmente estratégias de luta e/ou fuga quando confrontado com situações indutoras de ansiedade. Sugere-se assim mais investigação neste campo, no sentido de perceber se realmente existem diferenças de género ao nível da qualidade de vinculação ou se estas apenas existem quando estamos perante metodologias narrativas (e.g. ASCT).

### **Limitações e direções futuras.**

O presente estudo abarca algumas limitações que poderão ter contribuído para os resultados obtidos, nomeadamente, a utilização de uma medida narrativa que, neste estudo, pareceu ser mais sensível a questões desenvolvimentais da criança, o que poderá ter retirado poder estatístico às variáveis de interesse do estudo, nomeadamente, a afetividade negativa e o desamparo materno. Tendo em conta os estudos anteriormente realizados com recurso à ASCT, que não encontraram diferenças significativas no que diz respeito às variáveis desenvolvimentais da criança, note-se que estes apresentavam uma amostra total relativamente superior à amostra do presente estudo. Assim, sugere-se a sua replicação com uma amostra superior, no sentido de verificar se estas diferenças ao nível do desenvolvimento da criança na segurança das narrativas da representação de vinculação persistem. Por outro lado, algumas investigações têm sugerido a importância de estudar a influência das variáveis da criança na representação de vinculação, motivo pelo qual se sugere o estudo mais aprofundado destas variáveis, com o intuito de uma melhor e mais adequada compreensão destas diferenças individuais e da sua influência nas narrativas de vinculação (Maia et al., 2011). Sugere-se, ainda, a replicação do estudo numa amostra que inclua crianças com uma representação de vinculação desorganizada para que, desta forma, possa existir uma visão mais abrangente e consistente da influência do desamparo materno na qualidade da representação de vinculação e do possível papel moderador da afetividade negativa na relação entre estas duas variáveis.

Apesar destas limitações, a presente investigação apresentou um conjunto importante de contribuições teóricas e empíricas. Em primeiro lugar, uma delas disse respeito à administração de um novo instrumento de avaliação nunca utilizado em estudos com população portuguesa – *Caregiving Helplessness Questionnaire* –, que permitiu aceder à qualidade do ambiente de cuidados, através da perspetiva da mãe e daquelas que são as representações mentais acerca da sua própria prestação de cuidados. Por fim, procurou, ainda, contribuir para uma melhor compreensão da qualidade da relação de vinculação à

luz da criança e da figura de vinculação esperando, desta forma, enriquecer o conhecimento ao nível da teoria da vinculação.

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1969). Maternal Sensitivity Scales. John Hopkins University, Baltimore.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Nova Iorque: Psychology Press Classic Editions.
- Belsky, J. (2005). Differential susceptibility to rearing influence: An evolutionary hypothesis and some evidence. In B. Ellis, & F. Bjorklund (Eds), *Origins of the Social Mind: Evolutionary Psychology and Child Development* (pp. 139-270). New York: Guilford Press.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1987). Temperament and attachment security in the Strange Situation: An empirical reappraisal. *Child Development*, 58, 787-795.
- Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M. J., & van Ijzendoorn, M. H. (2007). For better and for worse: Differential susceptibility to environmental influences. *Current directions in psychological science*, 16(6), 300-304. doi: 10.1111/j. 1467-8721.2007.00525.x
- Belsky, J., Hsieh, K., & Crnic, K. (1998). Mothering, fathering, and infant negativity as antecedents of boy's externalizing problems and inhibition at age 3: Differential susceptibility to rearing influence? *Development and Psychopathology*, 10(2), 301-319.
- Belsky, J., Rovine, M., & Taylor, D. G. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project III: The origins of individual differences in infant-mother attachment: Maternal and infant contributions. *Child Development*, 55(3), 718-728.

- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27(1), pp. 21-31.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books (edição revista, 1982).
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Clinical Applications of Attachment Theory*. Nova Iorque: Routledge.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-yearolds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 273-308). Chicago: The University of Chicago Press.
- Butler, R., & Shalit-Naggar, R. (2008). Gender and patterns of concerned responsiveness in representations of the motherdaughter and mother-son relationship. *Child Development*, 79(4), 836-851.
- Carlson, C. I. (1989). Criteria for family assessment in research and intervention contexts. *Journal of Family Psychology*, 3(2), 158-176. doi: 10.1037/h0080531
- Crittenden, P. M. (1985). Social networks, quality of child rearing, and child development. *Child Development*, 56(5), 1299-1313. doi: 10.2307/1130245
- Crittenden, P. M. (1988). Relationships at risk. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds), *Clinical Implications of Attachment* (pp. 136-160). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Ellis, B. J., Boyce, W. T., Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M. J., & van Ijzendoorn, M. H. (2011). Differential susceptibility to the environment: an evolutionary-neurodevelopmental theory. *Development and Psychopathology*, 35, 223-231. doi: 10.1037/0012-1649.35.1.223

- Feldman, R., Greenbaum, C., & Yirmiya, N. (1999). Mother-infant affect synchrony as an antecedent of the emergence of self-control. *Development Psychology*, 35, 223-231. doi: 10.1037/0012-1649.35.1.223
- George, C., & Solomon, J. (1989). Internal working models of caregiving and security of attachment at age six. *Infant Mental Health Journal*, 10, 222-237.
- George, C., & Solomon, J. (1999). Representation models of relationships: Links between caregiving and attachment. *Infant Mental Health Journal*, 17(3), 198-216.
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 833-856). New York: Guilford Press.
- George, C., & Solomon, J. (2011). Caregiving helplessness: the development of a screening measure for disorganized maternal caregiving. In J. Solomon, & C. George (Eds.), *Disorganized Attachment and Caregiving* (pp. 133-166). New York: Guilford Press
- George, C., West, M., & Pettem, O. (1999). The adult attachment projective: Disorganization of adult attachment at the level of representation. In J. Solomon, & C. George (Eds.), *Attachment Disorganization* (pp.318-346). NY: Guilford Press.
- Klein Velderman, M., Bakermans.Krenenburg, M. J., Juffer, F., & van Ijzendoorn, M. H. (2006). Effects of attachment-based interventions on maternal sensitivity and infant attachment: Differential susceptibility of highly reactive infants. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 266-274. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.266
- Lyons-Ruth, K., & Jacobvitz, D. (2008). Attachment disorganization: Genetic factors, parenting contexts, and development transformation from infancy to adulthood.

- In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp.666-697). New York: Guilford Press.
- Lyons-Ruth, K., Easterbrooks, A., & Cibelli, C. (1997). Infant attachment strategies, infant mental lag, and maternal depressive symptoms: Predictors of internalizing and externalizing problems at age 7. *Developmental Psychology*, 33(4), 681–692.
- Madigan, S., Bakermans-Kranenburg, M., van Ijzendoorn, M. H., Moran, G., Pederson, D. R., & Benoit, D. (2006). Unresolved states of mind, anomalous parental behavior, and disorganized attachment: A review and meta-analysis of a transmission gap. *Attachment & Human Development*, 8(2), 89-111.
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Shin, N. (2008). Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26(3), 423-433.
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Monteiro, L., & Antunes, M. (2011). Representações de vinculação na infância: Competência verbal, estabilidade e mudança. *Análise Psicológica*, 29(3), 403-424. doi: 10.14417/ap.70
- Main, M. (1983). Exploration, play, and cognitive functioning as related to child- mother attachment. *Infant Behavior and Development*, 6, 167-174.
- Main, M., & Hesse, E. (1990). Parent's unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 161-182). Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of a new insecure-disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation? In T. B. Brazelton & M. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood, NJ: Ablex.

- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for classifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation? In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp.121-160). Chicago: Chicago University Press.
- Main, M., Cassidy, J. (1988). Categories of response to reunion with the parent at age 6: Predictable from infant attachment classifications and stable over a 1-month period. *Developmental Psychology*, 24(3), 415-426. doi: 10.1037/0012-1649.24.3.415
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, Serial No.209), 66-104.
- Matas, L., Arend, R., & Sroufe, A. (1978). Continuity of adaption in the second year: The relationship between quality of attachment and later competence. *Child Development*, 49(3), 547-556. doi: 10.2307/1128
- Morrel, J., & Murray, L. (2003). Parenting and the development of conduct disorder and hyperactive symptoms in childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44(4), 489-508. doi: 10.1111/1469-7610.t01-1-00139
- Moss, E., Bureau, J., St-Laurent, D., & Tarabulsky, G. M. (2011). Understanding disorganized attachment at preschool and school age. In J. Solomon, & C. George (Eds.), *Disorganized Attachment and Caregiving* (pp. 52-79). New York: Guilford Press.
- Moss, E., Cyr, C., & Dubois-Comtois, K. (2004). Attachment at early school age and developmental risk: Examining family contexts and behavior problems of

controlling– caregiving, controlling–punitive, and behaviorally disorganized children. *Developmental Psychology*, 40(4), 519–32. doi:10.1037/0012-1649.40.4.519

NICHD Early Child Care Research Network (1997). The effects of infant child care on infant-mother attachment security: Results of the NICHD study of early child care. *Child Development*, 68, 860-879.

O'Connor, E., Bureau, J., McCartney, K., & Lyons-Ruth, K. (2011). Risks and Outcomes Associated With Disorganized/Controlling Patterns of Attachment at Age Three Years In The National Institute of Child Health & Human Development Study of Early Child Care and Youth Development. *Infant Mental Health Journal*, 32(4), 450-472. doi: 10.1002/imhj.20305

Oppenheim, D. (1997). The attachment doll-play interview for preschoolers. *International Journal of Behavioral Development*, 20(4), 681-697.

Pierrehumbert, B., Santelices, M. P., Ibáñez, M., Alberdi, M., Ongari, B., ... Borghini, A. (2009). Gender and attachment representation in the preschool years: Comparisons between five countries. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(4), 543-566. doi: 10.1177/0022022109335181

Pinto, A., Gatinho, A., Silva, F., Veríssimo, M., & Santos, A. (2013). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 14(3), 515-528.

Pluess, M. & Belsky, J. (2013). Vantage sensitivity: Individual differences in response to positive experiences. *Psychological Bulletin*, 13(4), 901-916. doi: 10.1037/a0030196

Putman, S., & Rothbart, M. (2006). Development of short and very short forms of the Children's Behavior Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 87(1), 102-112.

- Rebelo, A., Verissimo, M., Maló-Machado, P., & Silva, F. (2013). A segurança dos modelos internos e o conhecimento emocional nas crianças de idade pré-escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 591-598.
- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (2006). *Temperament*. In W. Damon & R. M. Lerner (Serie Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6<sup>th</sup> ed., pp.99-166). Hoboken, NJ: John Wiley&Sons.
- Rothbart, M. K., Evans, D. E., & Ahadi, S. A. (2000). Temperament and personality: origins and outcomes (pp.122-135). *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 20-34.
- Rothbart, M.K. (2007). Temperament, development and personality. *Current directions in psychological science*, 16, 207-212. doi: 10.1111/j.1467-8721.2007.00505.x
- Schuengel, C., Bakermans-Kranenburg, M., & van Ijzendoorn, M. H. (1999). Frightening Maternal Behavior Linking Unresolved Loss and Disorganized Infant Attachment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 67(1), 54-63.
- Soares, I. (2007). *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Solomon, J., & George, C. (1996). Defining the caregiving system: Toward a theory of caregiving. *Infant Mental Health Journal*, 17(3), 183-197.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment e Human Development*, 7, 349-367.
- Stievenart, M., Roskam, I., Meunier, J.C., & Van de Moortele, G. (2014). Stability of young children's attachment representations: Influence of children's and caregiver's characteristics. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35, 61-69. doi: 10.1016/j.appdev.2013.12.001

- Swanson, H. L. (2011). *Attachment Security: The Role of Infant, Maternal and Contextual Factors*. PhD Thesis, Washington State University, USA.
- Taylor, S., Klein, L., Lewis, B., Gruenewald, T., Gurung, R., & Updegraff, J. (2000). Biobehavioral responses to stress in females: Tend-and-befriend, not fight-or-flight. *Psychological Review*, *107*(3), 411-429.
- Taylor, S., Lewis, B., Gruenewald, T., Gurung, R., Updegraff, J., & Klein, L. (2002). Sex differences in biobehavioral responses to threat: Reply to Geary and Flinn (2002). *Psychological Review*, *109*(4), 751-753.
- Van den Boom, D. C. (1994). The influence of temperament and mothering on attachment and exploration: An experimental manipulation of sensitive responsiveness among lower-class mothers with irritable infants. *Child Development*, *65*, 1449-1469.
- Van Ijzendoorn, M. H., Rutgers, A. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., van Daalen, E., Dietz, C., Buitelaar, J. K., ... Engeland, H. (2007). Parental sensitivity and attachment in children with autism spectrum disorder: comparison with children with mental representation, with language delays, and with typical development. *Child Development*, *78*(2), 597-608. doi: 10.1111/j.1467-8624.2007.01016.x
- van Ijzendoorn, M. H., Schuengel, C., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1999). Disorganized attachment in early childhood: Meta-analysis of precursors, concomitants, and sequelae. *Development and Psychopathology*, *11*(2), pp. 225-250.
- Vough, B., & Bost, K. (1999). *Attachment and temperament: Redundant, independent, or interacting influences on interpersonal adaptation and personality development?*. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory research and clinical applications* (pp.198-225). New York: Guilford Press.

Waters, H., Rodrigues, L., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive Underpinnings of Narrative Attachment Assessment. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71(3), 211-234. doi: 10.1006/jecp.1998.2473